2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm Lima, Elvira Souza. A criança pequena e suas linguagens. São Paulo: Editora Interalia,2009.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida.O ensino da música na escola fundamental: Um estudo exploratório: 2001, Belo Horizonte: Mestrado em Educação da PUC/ Minas MARIZ, Vasco. História da Música no Brasil: Primeira Geração Nacionalista: Heitor Villa Lobos. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1983 (P.111-130/CAP.8)

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da Cidade: Educação Infantil. São Paulo: SME/COPED, 2019. Disponível em: http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/51031.pdf.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Indicadores de qualidade da Educação Infantil Paulistana. São Paulo:

SME/DOT, 2016. Disponível em: http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/35117.pdf.

OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Introdução á melopoética: a música na literatura brasileira. LITERATURA E MUSICA: Editora SENAC São Paulo : Instituto Itaú Cultural, 2003.(p.17-46/CAP.1)

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

FLAVIA CINTRA TIBERIO FAVELA

RESUMO

Esse trabalho buscou analisar discussões acerca da formação de leitores no ambiente escolar, intencionando as práticas de leitura com os alunos da Educação Infantil, através da literatura, momento em que o desenvolvimento da criança depende da influência e estímulo de professores, escola e familiares. A preocupação maior com o tema está voltada à justificativa de que o reconhecimento da leitura nas salas de aula é fundamental, apesar da clara resistência das crianças em adquirir os hábitos da leitura, essenciais à formação humana. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo centralizador a abordagem da importância da literatura desde a Educação Infantil, apontando a leitura como elemento fundamental na formação social do indivíduo, transformando-o em cidadãos críticos, condição indispensável para o exercício da cidadania. A observação seguiu os embasamentos teóricos de autores que estudam a temática proposta, destacando a necessidade de enfatizar a ludicidade no processo de ensino-aprendizagem, cabendo ao professor analisar como a criança descobre o mundo da leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; Educação Infantil; Estratégias; Formação de leitores.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o trabalho com a leitura em sala de aula tem caracterizado uma das maiores preocupação dos professores, transformando-se em discussões variadas que embasam o meio acadêmico, estendendo às pesquisas sobre as práticas de leitura e o ambiente escolar aos fatores que ultrapassam os limites do conhecimento e da aprendizagem. Diante da importância que assume a vida dos sujeitos, a literatura torna-se algo difícil de definir, mas há a possibilidade de assimilar sua estrutura à arte que as palavras representam. O ato de ler sempre foi essencial aos sujeitos, desde o início da história humana e sua utilização recebeu influências das classes dominantes, caracterizando as narrações de acordo com a cultura, economia e fatores gerais de uma sociedade detentora do poder, cabendo às classes mais populares um acesso restrito aos livros. Apenas após a universalização do ensino, às classes mais humildes houve a possibilidade das práticas de leitura, com os alunos conhecendo os livros nas escolas, desenvolvendo o hábito de procurar, na literatura, as respostas para situações diversas, desde o conhecimento específico até a ficção (SOARES, 2009). A infância é a fase da vida do homem cujo processo de ensino-aprendizagem ocorre de maneira acelerada, mas muitas são as descobertas dessa época que garantem ao sujeito adquirir um conhecimento significativo, lembrado por diversos momentos de sua vida, em diferentes contextos e realizações. Sendo assim, o período da Educação Infantil caracteriza a apropriação do funcionamento da linguagem oral e escrita, levando aos alunos conquistarem segurança, diminuindo a dificuldade de decifrar os códigos da língua, sendo capaz de organizar as ideias, compreender regras básicas das letras e as relações ortográficas essenciais para a alfabetização concreta e funcional ao sujeito. Além disso, o uso da literatura em sala de aula estimula as capacidades visuais, encontradas diariamente pelas crianças em propagandas, desenhos e na mídia, de uma maneira geral, sendo introduzidos ao mundo das letras desde bem cedo. Por esse motivo, as crianças chegam às escolas interessadas em descobrir o que tais letras querem dizer, traduzindo as escritas em livros, interpretando as músicas e reconhecendo suas preferências. Diante dessa realidade, o trabalho apresentou-se através de uma abordagem qualitativa, a fim de contemplar a utilidade dos significados do desenvolvimento da capacidade leitora dos sujeitos, através da análise de documentos e pesquisas bibliográficas, que permitiram a interpretação de relevância social da literatura para o desenvolvimento crítico da criança.

Para concretização das ideias, o trabalho seguiu com quatro capítulos, iniciando com abordagem sobre a literatura infantil, desde o contexto histórico até as práticas atuais em sala de aula, de acordo com Koga (2009) e Àries (2007). O segundo capítulo segue com as concepções de leitura de acordo com Brito (2010), Solé (1998) e Martins (2004). O terceiro capítulo aborda a importância da literatura na sala de aula, conforme as afirmações de Soares (2009). A finalização ocorre com alguns apontamentos sobre a formação academia do professor que incentiva a leitura, seguindo os trabalhos realizados por Kleiman (2011).

LITERATURA INFANTIL E A CRIANÇA

Peres (2012) destaca que a literatura infantil originou-se como os mitos orais, através de relatos contados por gerações, desde

a antiguidade, ensinados em espaços abertos, cultivando os feitos históricos dos povos e antecedentes. Na verdade, os mais velhos objetivavam educar os mais novos ao contar os mitos, valorizando a cultura e tradições das sociedades. Através destes mitos relatados pelos homens que as origens místicas e éticas passaram a ser essenciais para a convivência com outras nacionalidades e costumes. Quando a literatura começou a fazer parte da vida humana, suas características resumiam-se nos reflexos históricos, escritos ou contados de modo 14 que a realidade fosse incorporada aos contos, com menções de heróis, bandidos e personagens imaginários, pois os grandes escritores, desde sempre, buscavam atingir as crianças com a narração de histórias, considerando toda a literatura como infantil (FROTA, 2007). A afirmação de Frota (2007) pode ser confirmada na leitura de romances de cavalaria, contos populares, fábulas e contos fantasiosos, materiais que chamavam a atenção da criança. Alguns estudiosos destacam que a literatura infantil não seguia um padrão ou modalidade e, desde que fascinasse as crianças, estes contos eram considerados infantis. Durante o século XV, muitos escritores passaram a voltar suas obras para as crianças da nobreza. Peres (2012) menciona Santillana como um renomeado escritor que fazia histórias para os filhos dos reis, com o objetivo de educa-los, mas apenas em XVIII é possível encontrar registros de contos e histórias voltadas, verdadeiramente às crianças, marcando então o surgimento da literatura infantil. As histórias passaram a representar mais a arte e a emoção humana, relatando fatos que incentivavam o despertar da capacidade imaginativa. Atualmente existe a comercialização de muitos

materiais que priorizam a literatura infantil, com histórias populares, narrações fictícias, super-heróis e livros de colorir, todos levando às crianças a desenvolverem a intelectualidade e a imaginação ao mesmo tempo, caracterizadas conforme a faixa etária, de modo a trabalhar habilidades específicas nas crianças. Com o surgimento da valorização infantil, considerando as crianças como sujeitos não dispensáveis, algumas escritas foram direcionadas a este público. Em oposição à educação jesuíta, que objetivava a aprendizagem mais religiosa das crianças, as literaturas infantis não impunham normas ou doutrinas, deixando as crianças mais próximas de valores humanos, oferecendo não só a recreação com os contos, mas uma aprendizagem significativa, pertencente à realidade dos sujeitos (LAJOLO, 2000). As funções da literatura infantil abordam amplos aspectos, conforma afirma Lajolo: A leitura reflexiva, a aquisição do vocabulário, a aquisição de conceitos. Assim como as preferências, o gosto pela leitura e a escolha de valores são adquiridos através da literatura. O ideal da literatura é deleitar, entreter, instruir e educar as crianças. (...) num aspecto estético-formativo e na 15 educação da sensibilidade, pois reúne a beleza da palavra e a beleza das imagens (LAOLO, 2000, p.22). Por volta do ano de 1777, a sociedade com padrões de vida mais elevados passou a interessar-se cada vez mais pelos contos, retomando a função dos contadores de histórias. Os editores começaram a fazer sucesso na Europa ao publicar versões impressas de contos, os chamados contos azuis, pois eram emitidos em papeis azuis para as pessoas que sabiam ler; Essas pessoas recebiam os exemplares através de mascates que vendiam os lotes impressos em áreas públicas, acessíveis a todos (ÁRIES, 2007). Apesar das versões

impressas, muitos sujeitos não sabiam ler e ainda buscavam a narração dos contadores de histórias que atuavam em locais públicos a troco de moedas, criando contos fascinantes, desconhecidos ou repetidos, conforme o pedido do público. Aos poucos, os contos foram substituídos por histórias prontas, voltando suas características apenas às crianças, novamente. Com a criança assumindo o centro da dinâmica familiar, o controle de suas vidas era responsabilidade inicial dos pais, estendo à escola, conforme passassem a frequentar as instituições de ensino. Sendo assim, as histórias e livros voltados à literatura infantil foram direcionados ao público infantil, narrando valores, normas e instrução de caráter aos pequenos. Portanto, a concepção principal da criança tornou-se conhecida com a titulação de “menor”, apontando a desigualdade e exclusão, segundo as afirmações de Frota (2007).

A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR

A prática da leitura é um processo construído ao longo da vida humana, que necessita de estímulos e tempo, de modo que o prazer por ler nasça nos sujeitos. Sendo assim, a escola apresenta um importante papel nesta construção, pois a partir do ambiente escolar o sujeito tem contato com a leitura de maneira significativa, levando aos elementos da interpretação textual. A escola é a responsável pelo desenvolvimento das estratégias que condicionam o processo de leitura, levando os leitores ao despertar pela necessidade de aprender a interpretar, compreender e elaborar novos textos. Nesse contexto, o professor adquire um papel de mediador no desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, a partir do momento que admite que ensinar a ler está além de decodificar signos e palavras, pois se trata de ajudar no desenvolvimento de estratégias que levam à aprendizagem significativa (MARTINS, 2004). Para Solé (1998), a criança constrói os conhecimentos acerca da leitura quando encontra oportunidades e desafios, que o leve ao desenvolvimento de novos saberes. A leitura familiariza a criança com as diferentes linguagens, além de conhecer novas palavras e imagens, aprendendo a elaborar sua crítica após interpretar o que o autor intencionou com um determinado texto. Quando o professor consegue inserir o conhecimento do aluno nas aulas, o ensino da leitura ocorre de maneira natural, uma vez que o docente passa a admitir a participação da criança, com argumentos e exposições do que já conhece, 22 aproveitando tais elementos para ensinar novos conceitos e teorias. O contexto real da criança influencia na descoberta de palavras, signos, imagens e atividades que enriquecem o conhecimento, levando ao estímulo para leituras com níveis diferenciados de linguagem, beneficiando o desenvolvimento da criança (SOLÉ, 1998). A iniciação do ensino à leitura caracteriza a interação significativa do leitor com a língua escrita, através de diferentes meios de aprendizagem, além da variação de matérias, como a escolha por livros, cartazes e atividades diferenciadas. Sendo assim, as estratégias do professor podem determinar uma aprendizagem de leitura mais interessante aos alunos, uma vez que o auxílio na formação leitora permite que a criança desenvolva autonomia para escolher suas preferências, além de conseguir ler todas diferentes linguagens e formas textuais (SOLÉ, 1998). Na ausência de estímulos, ou na apresentação de textos de difícil interpretação, a criança tende a apresentar dificuldades de leitura e escrita, formando um perfil

de leitor preguiçoso ou desinteressado. Porém, quando o professor permite a leitura através de diferentes situações, atividades e materiais, a criança é capacitada à criticidade e transferência de aprendizagem aos demais contextos linguísticos (BRITO, 2010). Alguns docentes adotam práticas educacionais que contrariam as práticas sociais da leitura, caracterizando uma formação não leitora, pois o aluo não aprende a interpretar ou compreender a narração. Esse equívoco nas práticas escolares pode estender ao entendimento de que a leitura trata-se de algo chato e difícil, determinando a formação de jovens que não leem e desconhecem a atualidade e realidade da sociedade, ampliando para adultos que não entendem notícias e os contextos em que estão inseridos (CALVINO, 2005). Para Cândido (2005), existe uma maneira de integrar à leitura obrigatória no contexto escolar, atraindo as crianças para uma formação leitora. O autor afirma que a leitura não pode ser inserida na escola apenas com fins avaliativos, mas para a construção de mecanismos que desenvolvam a proficiência literária nos alunos, definida através de algumas etapas mediadas pelo professor em sala de aula. A princípio, a leitura precisa anteceder uma apresentação teórica breve, seguindo com uma motivação para realização da prática, que envolve a preparação do aluno para um encontro com o texto. Essa primeira etapa requer estratégias lúdicas para despertar no aluno a curiosidade pela leitura da obra, relacionando os 23 temas do texto à realidade dos alunos, propondo uma incitação à leitura (CÂNDIDO, 2005). Na etapa seguinte, segundo Cândido (2005), a introdução ao autor e obra deve ser realizada, de modo que o aluno entenda a realidade social, cultural e histórica da literatura. Em seguida, a leitura do texto pode ser realizada, sempre acompanhada pelo docente. O autor traduz esse momento da leitura como a mediação por intervalos, permitindo que os alunos discutam sobre o que já leram, a fim de que ocorra uma verificação do professor em relação à compreensão da obra, solucionando eventuais dificuldades relacionadas ao entendimento, fundamental para que o interesse do aluno pela leitura permaneça. A próxima estratégia é a interpretação, que se divide em dois momentos: o entendimento interno e externo. No caso da interpretação interna, trata-se do encontro do leitor com a leitura, ou seja, a capacidade de decifrar as intenções da obra. Já na interpretação externa, relaciona a construção de sentidos comunitários à leitura, determinando os pontos enfáticos da obra através de discussões entre todos os alunos leitores, mediadas pelo docente (CÂNDIDO, 2005). “A escola tem papel fulcral no momento da interpretação e talvez seja ela, de fato, a principal responsável pela formação e consolidação de alunos leitores, que sejam críticos e cidadãos atuantes” (CALVINO, 2005, 2005, p. 65). O aluno precisa passar pelas etapas da leitura na escola a fim de ampliar os sentidos construídos individualmente e compartilhados com os demais sujeitos, além de permitir ao professor a prática do diálogo entre os alunos para conclusão das intenções da obra, verificando a aprendizagem através de uma avaliação do processo da leitura. Essa avaliação não precisa assumir aspectos tradicionais, cabendo ao professor mediar observações e discussões entre os discentes, verificando a aprendizagem dos grupos. Ainda cabe ressaltar que a leitura, quando trabalhada desde o momento inicial da vida acadêmica da criança, contribui significativamente para o desenvolvimento nas séries futuras, até o período do Ensino Médio, momento que a Educação Bá-

sica é concluída. Sendo assim, a formação desde a Educação Infantil caracteriza a preparação dos alunos para superação de dificuldades de leitura nas séries posteriores. Conforme apontam as afirmações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a leitura deve objetivar a formação crítica dos sujeitos, a fim de que 24 compreendam qualquer texto, em diferentes momentos e situações de sua realidade, seja dentro ou fora dos ambientes escolares, de modo que a leitura seja significativa aos alunos, sendo fundamental que a escola ofereça oportunidades favoráveis para o desenvolvimento da prática da leitura, determinando o manuseio de livros e demais materiais impressos como fundamentais no gosto pela leitura. Nesse contexto, o docente representa a mediação entre a leitura e o aluno, permitindo condições de parceria e segurança, que incentivem a formação de sujeitos leitores em qualquer situação, conforme descritos no documento: Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura -, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisará fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisará torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a —aprender fazendo. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997, p.58). A prática da leitura conduz à exploração as potencialidades da língua, incentivando o leitor a expressão de seus desejos, quando possibilita o desenvolvimento de experiências, pois uma leitura permite diferentes aprendizagens ao sujeito, uma vez que ao reler uma obra, novas conclusões e ressignificações podem ser consideradas. Portanto, a leitura é realizada significativamente quando o professor assume as diferentes formas textuais, propondo estudos que estão acima da simples leitura de um livro ou texto. Sendo assim, existe a necessidade de escolher livros que tratam a realidade do aluno, quebrando os paradigmas de que a interpretação e compreensão textual resumem-se a livros e fatos ultrapassados, com linguagens impróprias à realidade das crianças. O professor precisa enfrentar possíveis resistências dos alunos à leitura, levando-os ao conhecimento através da construção de contatos diretos entre o discente e as diversidades textuais. A apresentação depende da introdução às obras que não exigem pressa para leitura, convidando os alunos à escolha pelo silêncio, a fim de entender as narrativas. Assim, espaços de leitura devem ser criados também nas salas de aula, propondo a prática da literatura diariamente.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA EM SALA DE AULA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO

As atividades mais comuns da educação de crianças são os desenhos, rabiscos, jogos e brincadeiras, não caracterizam o processo de alfabetização, mas fazem parte da construção do sistema alfabético da criança, compondo palavra, frases, textos, expressões, entre outras manifestações linguísticas. A fase identificada como inicial na aprendizagem da escrita encontra-se no período que os rabiscos e desenhos compõem a construção de objetos com a função de simbolizar os signos para a criança, descobrindo as representações que podem variar a escrita, facilitando a compreensão de novos co-

nhecimentos (SOARES, 2009). Sendo assim, ao rabiscar a criança aprende a representar a escrita da maneira que ela enxerga, assimilando conceitos que representarão, posteriormente, o domínio da língua em todos os âmbitos. As representações da criança são operações preparatórias que variam as competências do sujeito entre abstração e complexidade, apropriando os conceitos da escrita aos sistemas representados para os sujeitos, atribuindo função de signos aos rabiscos ou desenhos realizados a fim de que a criança descubra novos sistemas para representar o que pensa, facilitando a compreensão e representação da leitura. Na escola, muitas são as atividades que podem trabalhar a leitura, criando orientações e incentivos através de práticas lúdicas que direcionam a elevação dos níveis alfabéticos, como a conscientização sobre a fonética das palavras, encontradas em situações de aprendizagem que envolve a leitura de poesias e contos. Além disso, ações com músicas e cantigas, levando a criança à percepção da variação sonora da fala, identificando as palavras com sons parecidos, que iniciam com a mesma letra, entre outros contextos educacionais. Outras atividades significativas para o relacionamento da leitura às crianças envolvem ações como ouvir histórias narradas pelos professores, conduzindo o aluno a potencializar os conhecimentos e habilidades que levam à introdução ao mundo das palavras. Os livros possibilitam à criança uma familiarização ao texto escrito, permitindo o "manuseio" das palavras, sendo assim, os professores devem incentivar o sujeito a segurar e folhear histórias, sem medo de danificar os livros, pois ao observar produções escritas, a criança conquista uma aprendizagem 26 linguista gradativa, aprimorando as leituras de acordo com o interesse despertado desde bem cedo (MARIOTTI, 2006). A autora ainda afirma a possibilidade de notar nas crianças os gestos e sons que reproduzem quando folheiam um livro, como se estivessem lendo a história para outras pessoas, intensificando a importância da leitura. O conhecimento será construído pelos pequenos sujeitos quando a aprendizagem através da leitura ocorrer de maneira favorável ao letramento, possibilitando a participação da criança nos primeiros momentos da leitura, quando é apresentada ao mundo das palavras (MARIOTTI, 2006). O manuseio dos livros permite que a criança faça a devida distinção entre letras, palavras e ilustrações, interessados a descobrir que tipo de história um determinado livro vai narrar. Além de reconhecer as palavras através do manuseio dos livros, a criança é convidada a enriquecer seu vocabulário todas as vezes que ouve uma palavra ou fonética nova, desenvolvendo a habilidade de compreensão da leitura. A interpretação oral de uma história permite que a criança trabalhe as competências e aprimore habilidades, posteriormente transferidas às leituras independentes (leitura específicas de cada disciplina) nas próximas séries escolares. Joliberi (1994) chama atenção para o fato de que, as habilidades leitoras serão desenvolvidas apenas se a leitura não ocorrer com a finalidade em si mesma, cabendo ao narrador da história uma análise prévia dos conteúdos, enfatizando os pontos principais e destacando as palavras novas, despertando o interesse e a curiosidade do aluno, promovidas através de estratégias de leitura. O autor ainda referencia tais estratégias como: leitura que prevê perguntas por meio do título e das ilustrações; leitura interrompida em pontos escolhidos pelo narrador, para provocar a interferência e a incitação por perguntas; leitura que finalize com con-

fronto de ideias sobre a preferência pelos personagens e comportamentos; leitura que inicie o processo de letramento infantil. Outra observação relevante é a necessidade de trabalhar com as crianças textos não apenas literários, mas informativos que permitam o despertar do interesse dos alunos, assim como textos jornalísticos, histórias em quadrinhos, entre outras possibilidades. No ensino fundamental, a criança deve ser apresentada a diferentes contextos literários para entender que existem variados gêneros de leitura, intensificando o objetivo de cada gênero, percebendo a funcionalidade da variação linguística e textual. 27 “As atividades de leitura e escrita devem promover todo tipo de discussão, tomando-se todos os elementos do ambiente como referência à construção de hipóteses e concepções” (SOARES, 2009, p.72). Na escola, a autora sugere a construção da linguagem através de práticas pedagógicas que envolvam a escrita do nome das crianças e dos colegas; elaboração de cartazes e bilhetes; interpretação de músicas; ao nomear objetos, entre outras atividades lúdicas que enriquecem o trabalho docente, tornando a leitura mais significativa para os alunos. Soares faz a seguinte afirmação quanto ao ambiente que ocorre a leitura: (...) é de suma importância que as salas sejam ricas em elementos alfabetizadores orais e escritos, onde o professor pode expor os relatos de passeios, leitura de obras, entre outros. Assim, a criança mergulha em um ambiente alfabetizado, conseguindo perceber mais cedo que está inserida no mundo escrito (...). Contudo, apesar de distintas, por diferenciarem-se tanto às operações cognitivas, quanto aos processos metodológicos e didáticos, a alfabetização e o letramento devem desenvolver-se de forma integrada e, caso estejam desenvolvidas de forma dissociada, a criança certamente terá uma visão parcial e, portanto, distorcida do mundo da escrita (SOARES, 2009, p.90). Nesse contexto, o acesso à leitura e escrita dentro da escola deve ocorrer embasado em intenções de interação social, através da comunicação, principalmente, entre as crianças e os professores. Desse modo, uma narração realizada à criança pode promover inquietações que despertem a curiosidade do aluno para buscar novas informações, levando a criança a procurar aprender como escrever o título de sua história favorita ou relacionar os sons das palavras que mais se repetem nos textos. A leitura, quando trabalhada ludicamente e valorizando a vivência social dos alunos, permite a interação e descobertas das crianças pelo mundo das palavras, sendo importante escolher espaços ricos em informação, com referências às letras, de modo que o ambiente escolar seja um espaço de interesses, não limitado apenas ao desenvolvimento motor, psicológico ou relacional das crianças. O professor é responsável por planejar atividades sistemáticas que permitam a continuidade aos processos de leitura. O espaço físico dentro das salas de aula influencia a aprendizagem, cabendo à variação da disposição do espaço, podendo agrupar as crianças em três e quatro alunos ou organizando em formato de “U”, de modo que os alunos estejam voltados 28 ao professor igualmente, sem filas. O docente escolhe a melhor alternativa, de acordo com as necessidades de trabalho e o diagnóstico esperado da atividade que será desenvolvida (SOARES, 2009). Nesse contexto, a ludicidade pode ser um ponto fundamental, associado ao desenvolvimento das práticas de leitura, concentrando atividades comuns em momentos de jogos, direcionando a alfabetização às brincadeiras eficazes ao processo de ensino- aprendizagem. A

leitura relacionada às gincanas, música e confecção de massinha, por exemplo, concluem raciocínios significativos, devido ao estágio da criança estar relacionado ao entendimento de operações concretas, criando interpretações que podem ser associadas à realidade do aluno, facilitando a aprendizagem a partir da abstração do pensamento. A música influencia a aprendizagem significativa na leitura, podendo ser trabalhada em letras mais antigas, até músicas mais atuais, pois ao cantar, a criança associa rimas ao som das palavras, elevando o conhecimento e a curiosidade sobre como escrever determinada palavra. Situações que levam a criança a desenhar o que entendem da música também podem agregar mais conhecimento, caracterizando algo prazeroso e dinâmico, sem a necessidade de forçar a aprendizagem (SOARES, 2009). Sendo assim, é fundamental que a escol motive e ensine o aluno a adquirir o hábito da leitura, mas o resultado favorável será alcançado quando o ensino da leitura e da escrita for considerado um processo integrado, que depende da participação da escola e professores, mas da família e sociedade, de maneira geral, de modo a formar leitores críticos e cidadãos transformadores da realidade, conforme as inquietações e questionamentos que surgirem, devido à capacidade interpretativa e de compreensão dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura caracteriza-se como um processo que depende da comunicação do leitor com a obra, de modo que ocorra uma exploração das diferentes maneiras de interpretar os textos, através de aspectos cognitivos, afetivos, estéticos e sociais. Nenhum sujeito nasce sabendo sobre literatura, mas aprende a ler e pode ser levado a gostar da prática. Assim também como uma leitura simples não desenvolve a capacidade crítica, de fruição ou o prazer por ler, mas certamente ampliam as possibilidades do leitor em criar o hábito pela leitura. O processo de leitura deve estar relacionado além da aprendizagem em decodificar as letras, proporcionando a prática social aos alunos, possíveis na função de professores que assumem o papel de mediadores, construindo sua formação em teorias e reflexão, que vão além de ensinar a criança, mas apontando como integrar conhecimentos, trocando informações para não impor e deixar a leitura caracterizada como uma situação cansativa e desestimulante. A Educação Infantil é o espaço para atender as crianças em todas as dimensões, desenvolvendo as questões afetivas, emocionais, lógicas, sociais, físicas e intelectuais, cabendo ao professor e a escola um trabalho de incentivo à leitura, através de propostas a fim de oferecer à criança espaços em sala de aula, separados por faixa etária, que estimulem a aprendizagem, desenvolvendo as potencialidades e habilidades de cada sujeito, ampliando o conhecimento da criança para entender a linguagem e escrita como um processo que pertence à sua realidade cotidiana. O incentivo à leitura na Educação Infantil é um processo fundamental para a formação humana, cabendo ao professor a especialização adequada para tornar esses processos algo prazeroso e significativo, presente nas práticas, metodologias, atividades pedagógicas e situações em que os saberes docentes apontam um caminho com mais qualidade na aprendizagem. A criança deve ser apresentada a leitura de maneira lúdica, capacitando-a para a competência linguística, sabendo utilizar as variações de acordo com cada momento específico. A literatura

permite um envolvimento único do leitor com as palavras, possibilitando a máxima exploração do texto. Quando trabalhada em sala de aula, desde cedo, essa prática permite que o aluno encontre um sentido na literatura, de 40 modo a entender o contexto social, político e cultural que está inserindo, tonando-se um sujeito crítico e transformador da realidade. A escola deve permitir que o aluno compartilhe as interpretações textuais, ampliando as construções individuais, pois através de discussões os sujeitos tendem a aumentar o conhecimento, fortalecendo a percepção de que a leitura estrutura nas competências de uma aprendizagem significativa depende da interpretação da leitura para fruição, importante para contribuir na formação de leitores criativos e autônomos, devido à possibilidade de conhecer e interagir com linguagens diversificadas, contribuindo para a leitura durante o processo de formação discente. O professor deve estar em constante avaliação de suas práticas educativas, encontrando meios diferenciados para aprender a ensinar, ou seja, os saberes docentes para uma prática significativa não são aprendidos apenas na formação acadêmica, mas através das experiências, complementando com a troca de conhecimento com os colegas e os próprios alunos. Caso o professor acreditar que a formação inicial seja a única maneira de sustentar e inovar as práticas educacionais, as atividades, métodos e estratégias tornam-se insuficientes para que o letramento significativo, deixando de explorar e oportunizar momentos de aprendizagem que interessem o aluno, limitando o aluno à memorização e aprendizagem mecânica, sem que ocorra uma estruturação contextualizada dos conceitos

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura Infantil Gostosuras e Bobiches. 2º ed. São Paulo, Scipione, 2001.

ARIÈS, P. História Social da Criança e da Família. Tradução: D.Flaksman - 2ª ed. São Paulo: LTC, 2007.

BETTLHEIM, B. A psicanálise dos Contos de fada. Tradução: A. Caetano - 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

BRITO, D. S. A importância da leitura na formação social do Indivíduo. Revela, periódico de divulgação científica da FALS. Ano IV - nº VIII- jun. 2010.

CALVINO, I. Por que ler os clássicos. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CAMPOS, M. I. B. Ensinar o prazer de ler. 3ª Edição. São Paulo: Olho d'água, 2003.
CÂNDIDO, A. O direito à literatura. In: Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2005.

COELHO, B. Contar Histórias Uma Arte Sem Idade. São Paulo. Ática, 2003.
COSTA HÜBES, T. A concepção de leitura na sequência didática In : Anais da 13º JLL-Jornada de estudos Linguísticos e Literários, 2010.

FANNY. J. O que conta o conto? 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1998.

FROTA, A. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. UERJ, RJ. V.7, n°1, p.147-160. Abril 2007.